

CAMPO SEM FRONTEIRAS: A HISTÓRIA DE DOIS JOVENS RURAIS NO CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS

José Henrique Cavalcanti Mota Filho (1); Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa (1)

Universidade Federal Rural de Pernambuco zehenriquemota@gmail.com ; Universidade Federal Rural de Pernambuco aparecidatcosta@hotmail.com

Resumo: A possibilidade de ter uma experiência internacional se mostra importante para estudantes de graduação para abrir os horizontes do conhecimento com uma diversidade de experiências proporcionadas pela mobilidade acadêmica. Esta é uma situação que foi realidade para mais de 400 estudantes na Universidade Federal Rural de Pernambuco, pois puderam participar do Programa Ciências sem Fronteiras estudar nos mais diversos países do mundo. Neste sentido, o objetivo deste artigo, que é um recorte de uma dissertação de mestrado, é apresentar a experiência de dois estudantes, com origem no meio rural, que participaram do programa e como isso influenciou na graduação deles. Conclui-se que a experiência foi rica não apenas academicamente, mas sim como uma vivência global e os fatores culturais e sociais se mostraram tão importantes. Além disso, percebeu-se que, apesar de alguns aspectos negativos, os estudantes aprovaram a participação e se mostraram além de satisfeitos; incentivam outros a fazer mobilidade, destacando que o medo de, por exemplo, atrasar o curso fica em segundo plano dadas as muitas possibilidades abertas pela ida além das fronteiras brasileiras.

Palavras-chave: Ciências sem Fronteiras, mobilidade acadêmica, ufrpe,

INTRODUCAO

A pesquisa ora em desenvolvimento mostra que a educação superior no Brasil ainda é um gargalo. Se o do vestibular foi substituído por um acesso mais amplo com o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), aliado às políticas recentes como a de cotas e o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), ainda existem muitas limitações, pois, de acordo com o Censo da Educação Superior (MEC, 2016) menos 15% da população brasileira está matriculada em um curso de graduação em nível superior.

Quando se trata de acesso da juventude do meio rural ao ensino superior gratuito, o gargalo é ainda maior. Contudo, vale esclarecer que até o Programa de Expansão Universitária, em 2003, a maior parte das universidades brasileiras estava concentrada nas áreas urbanas de alta densidade, primordialmente nas capitais, o que não apenas dificultava, mas em muito limitava que jovens do campo pudessem cursar uma universidade.

O Brasil é um país de dimensões continentais e, apesar disso, concentrava grande parte de suas universidades nas capitais. Em 2003, das 45 Universidades Federais, cerca 32 estavam nas capitais e as demais em outras cidades de grande porte como São Carlos e Campina Grande. A expansão universitária, além de outras políticas inclusivas possibilitaram a um maior número

peças ter acesso ao ensino superior gratuito, pois muitos não tinham condições de continuar a formação se não houvesse uma IFES próxima de sua moradia.

No estado de Pernambuco, por exemplo, a primeira universidade criada pelas expansões foi a Unidade Acadêmica de Garanhuns, em 2005, situada no agreste pernambucano. A instituição tem uma comunidade universitária de cerca de 3000 pessoas das diversas cidades da região, como Jupí, Águas Belas e São Bento do Una.

Mesmo que a plenitude do acesso ainda não seja a regra, nos últimos 20 anos houve um aumento significativo de matrículas no ensino superior em graduação, que saltaram dos 3 milhões em 2003 para mais de 8 milhões em 2016. Além disso, outras políticas foram ampliadas nas universidades como as de internacionalização.

Ainda que o tema da internacionalização esteja relacionado com o tema da globalização, faz-se necessário alertar para o destaque dado por Altbach (2004) sobre a diferença desses temas. Este último trata de questões econômicas e acadêmicas, já a internacionalização seria o "conjunto de políticas e práticas desenvolvidas pelos sistemas acadêmicos, pelas instituições e pelos indivíduos para fazer frente ao ambiente acadêmico global." (LUCE, FAGUNDES, MACIEL, 2016)

No Brasil, o processo de internacionalização da educação está muito ligado às políticas de Estado e de governo, principalmente no que tange ao financiamento e à regulação do tema. Assim o foi nos anos 2000, quando houve uma série de políticas de incentivo à ciência e tecnologia, nas quais as de internacionalização se incluíram. O Plano de Ação do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação previa o "estabelecimento de cooperação internacional para a realização de eventos de educação e divulgação científico-tecnológica e de inovação." (MCTI, 2007, p.27)

Na segunda década do século XXI, o governo da Presidente Dilma Rousseff, em vistas a promover "a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional", criou o Programa Ciências sem Fronteiras (PCF), uma política pública que levaria estudantes de graduação e pós-graduação para terem experiência internacional durante o seu curso.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), por meio de sua Assessoria de Cooperação Internacional (ACI), possibilitou a ida de 426 estudantes de graduação ao exterior entre 2011 e 2015, período que durou o Programa, antes de sua extinção. Este trabalho busca

analisar a forma que esta experiência no Programa CSF influenciou na graduação de dois estudantes, de origem rural, da UFRPE.

Os estudantes da UFRPE puderam ir a mais de 20 países espalhados nas américas, na Europa, na Ásia e na Oceania. Os graduandos da instituição representam 12,75% do total de participantes do estado no Programa Ciências sem Fronteiras, sendo, dentro da IFES o maior e mais amplo programa de mobilidade já realizado.

METODOLOGIA

Para este trabalho, optou-se pela pesquisa de caráter qualitativo, com utilização da análise de discurso como instrumento de exame das informações obtidas com a pesquisa. Inicialmente, foi feita uma entrevista semi-estruturada com os dois estudantes para compreender como a experiência em uma universidade no exterior influenciou na sua formação.

A entrevista foi importante para poder obter um discurso livre sobre a experiência destes discentes no Programa Ciências Sem Fronteiras, seus relatos positivos, negativos e como isso influenciou na sua graduação. Manzini (1991) trabalha com a ideia de que a entrevista semi-estruturada é focada em um assunto sobre o qual se monta um roteiro de perguntas principais, que podem ser complementadas por outras questões que possam surgir.

Este é um instrumento que fornece certa liberdade ao pesquisador, ainda que ele precise se ater a um roteiro pré-definido, pois este serve como um guia e não se trata de um caminho fechado. O roteiro serve para orientar o pesquisador e evitar que ele saia dos objetivos da sua pesquisa, mas questões complementares, assim como observações do pesquisador quanto às reações do entrevistado podem fazer surgir novos questionamentos.

Minayo (2002, p.57) compreende a entrevista como sendo uma “técnica que se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala (...) e serve como meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico”. Para este trabalho, a forma como é contada a experiência e o significado disso dará sentido à pesquisa, tendo em vista que a mesma busca compreender justamente esta vivência. Para este trabalho foram feitas duas entrevistas, com dois estudantes participantes do Programa.

A Análise de discurso é uma metodologia de tratamento das informações apreendidas, que visa compreender o discurso destes jovens relacionando-o com o meio no qual eles estão inseridos, no caso, o campo. Conforme trata Orlandi (2009, p.15):



Pelo discurso, lugar de produção de sentidos e de processo de identificação dos sujeitos, podemos melhor compreender o lugar de interpretação na relação do homem com a sua realidade. Por este tipo de estudo se pode conceber melhor aquilo que faz o homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se.

O uso da análise de discurso, neste trabalho, se deu pelo fato desta metodologia de análise poder auxiliar na melhor compreensão da experiência em fazer uma graduação com uma experiência em uma universidade estrangeira e traduzi-la de uma forma mais fiel.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Poderia se pensar que os jovens do meio rural estariam satisfeitos com o acesso ao ensino superior, algo ainda perto do surreal 20 anos atrás, mas eles querem mesmo é ganhar o mundo e ultrapassar divisas e fronteiras. Dentro do âmbito da UFRPE, o CSF foi o principal Programa de mobilidade acadêmica na última década. Sozinho, é responsável por quase 30% de todos os estudantes enviados ao exterior pela Instituição, para mais de 20 países.

O primeiro ponto a chamar a atenção, e que corrobora com a importância de políticas inclusivas, é que os dois jovens são os primeiros das suas famílias a ingressar em um curso superior. O ineditismo não para neste aspecto, tendo em vista o fato de ambos, também, serem os primeiros do núcleo familiar a irem ao exterior.

Apesar de viver em um sítio, em um distrito próximo ao município de Serra Talhada, localizado no sertão pernambucano, a educação sempre foi algo importante para a jovem Amelie Poulain¹: "a educação sempre foi algo importante em casa. Ainda que todos ajudassem no sítio, meus pais sempre prezaram pela ida à escola". Abramovay (1998), afirma que a educação é um dos aspectos que fazem o jovem permanecer ou não no campo.

O município de Serra Talhada foi contemplado com uma Unidade Acadêmica (UAST) e esta foi a razão para que a estudante pudesse dar continuidade aos estudos: "Se não existisse a Universidade Pública aqui na região, não seria possível para mim cursar uma universidade. Se eu desejasse mudar de vida, teria que trabalhar em uma farmácia ou no comércio, como a maioria das pessoas jovens daqui."

O discurso da jovem reforça a importância da UAST na mudança da sua vida e da realidade da região: "Se antes quem queria estudar precisava ir a Recife ou outro grande centro, hoje isso

¹ Os nomes são fictícios, a fim de preservar o anonimato dos entrevistados.

mudou, pois, as pessoas vêm para nossa região seja para trabalhar ou fazer o seu curso universitário". Isto dialoga com as observações de Carneiro (2005), para quem a educação é algo de muito valor tanto para aqueles que procuram um emprego mais qualificado, quanto para aqueles que querem fugir das atividades agrícolas.

O segundo entrevistado, o jovem Rocky Balboa, parte de uma realidade diferente. A família veio morar no Recife em busca de melhores empregos, o que terminou por facilitar o seu acesso à universidade; ele se tornou aluno da UFRPE no *campus* de Dois Irmãos. No caso dele, a distância não se tornou um problema pela facilidade de transporte: "como eu moro em um bairro próximo, não tenho problemas em chegar à universidade. Tem dias que chego pela manhã e só saio à noite".

Ainda que exista a vontade de sair para maior qualificação, seja em pós-graduação ou especializações técnicas voltadas ao trabalho prático, o anseio de Amelie Poulan é em estudar aquilo que existe no seu entorno:

Quero focar meus estudos no bioma sertanejo. Penso em buscar conhecimento e, quem sabe, soluções para alguns de nossos problemas. Já na graduação, consigo ajudar meus pais com o que aprendo no meu curso de agronomia.

Se Balboa saiu do campo, pode-se dizer que o campo não saiu dele, pois, ao estudar agronomia na UFRPE, ele afirma:

Sempre me interessei pelo campo e por tudo que o rodeia. Estudar agronomia foi algo quase natural, ainda que meus pais desejassem que eu tentasse algo como direito ou medicina, por acreditarem que seria melhor para o meu futuro.

No que diz respeito à experiência internacional, Amelie Poulain relata que foi muito rica em relação à construção do conhecimento: "A estrutura da Universidade nos Estados Unidos é diferente. Morava no *campus* e tinha uma biblioteca aberta 24 horas, isso sem falar nos equipamentos de ponta que tinham nos laboratórios." A facilidade de acesso aos meios e instrumentos necessários para uma boa graduação é muito importante e se mostra um auxílio importante para que o estudante se concentre por mais tempo nos estudos.

Ao colocar o estudante inserido 24 horas por dia no ambiente universitário se permite que o mesmo possa passar mais tempo dentro de um centro de ensino, pesquisa e inovação constante. Esta é uma diferença considerada pela estudante ao comparar a experiência no exterior com a

sua realidade na UFRPE: "Preciso percorrer uma distância diária de 50 km desde que saio de casa, até a hora de voltar."

O ponto chave da experiência na terra do Tio Sam foi a possibilidade de criar uma rotina de estudos e práticas, que ainda não são possíveis na UFRPE e ainda que haja um esforço da Instituição brasileira, a qualidade da estrutura para o ensino ainda é distante. Dourado, Oliveira e Santos (2007) afirmam que aspectos extra e intra escolares estão diretamente ligados à qualidade da educação e possibilitar uma infra-estrutura adequada, aliada a técnicas de ensino inclusivas podem facilitar o processo de aprendizagem.

A experiência de Balboa se deu na Europa, mais precisamente em Paris, na Universidade de Agronomia. Ele destacou que o grande diferencial dos estudos no velho continente foi o enfoque mais prático das disciplinas que cursou, o que incluiu estudos e oficinas sobre agricultura familiar, que tem como modelo o Brasil. "Não esperava estudar sobre isso na França, sobretudo tendo meu país como exemplo, o que me abriu os olhos, pois foi um enfoque muito diferente."

Inclusive estes estudos o fizeram querer trabalhar com o tema quando concluir a graduação. A multidisciplinaridade favorecida pela experiência internacional pode ter modificado o destino profissional dele, mostrando a importância de o graduando ter o máximo de experiências possíveis.

Todavia, nem tudo foram flores. As matrizes curriculares não foram 100% aproveitadas na volta à UFRPE, pelo fato de não estarem disponíveis naquelas elencadas pelo Ministério da Educação brasileiro. Ainda assim, os estudantes não demonstram descontentamento com o fato, conforme trata Amelie Poulan: "É uma pena pagar uma disciplina e não poder aproveitar o crédito quando voltamos, mas valeu e fica como conhecimento adquirido".

Mas nem só de estudos viveram os graduandos. Balboa destaca que a congregação com estudantes de outras culturas favoreceu a experiência ser enriquecida. "Montamos um grupo de estrangeiros, que facilitou nossa adaptação e pudemos ter uma experiência cultural." Knight (2005) destaca que o desenvolvimento sociocultural é uma das razões para a internacionalização do ensino superior. A autora não trata especificamente da questão da mobilidade acadêmica, mas Antoniazzi (2014) ressalta que a mobilidade "é um dos principais meios de expressão e inserção no processo de internacionalização do ensino superior." (p.10).

Ambos os estudantes que viveram a experiência internacional destacam a importância que a experiência teve durante a graduação. "Muitas vezes entramos em uma universidade pensando em nos formar para trabalhar, mas a possibilidade de estudar no exterior me abriu os olhos para questões que eu não prestava atenção ainda", afirma Balboa. Amelie destaca a importância da experiência na sua graduação: "muitos estudantes têm medo de ir para uma experiência dessas com medo de atrasar o curso, mas para mim, foi um grande acréscimo na minha formação. Eu, desde a ida sempre digo: se tiver oportunidade, vá."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se, pelo discurso dos dois estudantes, que a experiência oportunizada pelo Programa Ciências sem Fronteiras é muito positiva, ainda que alguns fatores negativos sejam levantados. Percebe-se o entusiasmo dos discentes entrevistados com a oportunidade em estudar no exterior, mas que o sentimento vai além dos estudos, pois as experiências sociais e culturais tiveram um grande valor.

A análise e discussão do material obtido acerca da experiência dos graduandos no Programa Ciências Sem Fronteiras permite concluir que se tratou de uma política pública em educação enriquecedora e agregou conhecimentos, experiência de vida e inserção cultural. A experiência proporciona uma reconstrução pessoal, ante a sua agregação cultural, pessoal, do senso de identidade e do ponto de vista sociocultural.

A experiência de mobilidade requer adaptação, o que envolve lidar com a ausência, saudade, ansiedade, questões linguísticas, culturais e acadêmicas. A universidade e os centro de intercâmbio entram como agentes mediadores e de apoio para que a experiência seja bem-sucedida. Este apoio permite aos estudantes focar com mais precisão nas questões acadêmicas, que são as primordiais para o Programa.

A imersão maior no ambiente universitário proporcionado pela experiência, fazendo com que o estudante permaneça mais tempo dedicado às atividades acadêmicas mostrou-se importante no desenvolvimento de sua formação do conhecimento. Neste aspecto, a vivência maior na universidade permitiu aos estudantes um contato mais constante e amplo a elementos que pudessem enriquecer a formação universitária deles.

A experiência intercultural foi relatada como engrandecedora e possibilitou novas experiências, além de facilitar a adaptação. Os meios e instrumentos adequados mostraram-se como um elo

de estímulo para os discentes para que se interessassem mais pelos estudos no exterior. O multiculturalismo da experiência apresentou-se como um elemento agregador de conhecimento e de acolhimento no momento de adaptação e criou uma rede de apoio.

Espera-se que os resultados obtidos com esta pesquisa possam contribuir para as questões ligadas à mobilidade acadêmica e às políticas públicas em educação e evidenciem que investimentos neste campo podem trazer grandes benefícios aos estudantes universitários brasileiros e possam ampliar a participação das universidades brasileiras no processo de globalização da educação.

REFERENCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Juventude e Agricultura Familiar**. Brasília, Ed. Unesco, 1ª edição, 1998.

ANTONIAZZI, Letícia Helena Krutzfeldt. **MOBILIDADE ESTUDANTIL NO ENSINO SUPERIOR: uma experiência de intercâmbio na Unicamp**. São Paulo, 2014. Dissertação de mestrado. Unicamp. Campinas.

BRASIL. **CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS**. Ministério da Educação Portal Institucional. Brasília, 2010. Disponível em < <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/objetivos> >; Acesso em 12/10/2016.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional. Plano de Ação 2007-2010**. Brasília, 2007. Disponível em http://www.mct.gov.br/upd_blob/0021/21439.pdf Acesso em 08/08/2018

CARNEIRO, Maria José. **Juventude rural: projetos e valores**. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni Branco (Orgs). **Retratos da juventude brasileira**. [s.l.]: 1ª ed., 2005, p. 243-261.

CASTRO, Elisa Guaraná de, et al. **Perfis dos jovens participantes de eventos dos movimentos sociais rurais: construções de um ator político**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife - Pernambuco, 2007.

DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. **A qualidade da educação: conceitos e definições**. Série Documental: Textos para Discussão, Brasília, DF, v. 24, n. 22, p. 5-34, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Censo da Educação Superior 2016**. Brasília, 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2016/apresentacao_censo_educacao_superior.pdf Acesso em 15/02/2018.

KNIGHT, Jane. **AN INTERNALIZATION MODEL: RESPONDING TO NEW REALITIES AND CHALLENGES. INTERNALIZATION OF HIGHER EDUCATION**

IN BRASIL. In: WIT, Hans de; et al (ed.) Higher Education in Latin America: the international dimension. The World Bank: Washington, 2005. p. 1-35.

LUCE, Maria Beatriz, FAGUNDES, Caterine Vila, MEDIEL, Olga Gonzales. **Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica.** Revista Avaliação, Campinas. vol. 21, n.2. Sorocaba, julho de 2016.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso.** São Paulo. Pontes, 1999.